

A GEOGRAFIA FRANCESA

FRENCH GEOGRAPHYⁱ

Paul Clavalⁱⁱ
Universidade de Sorbonne
Paris, França

Resumo: A Escola Francesa de Geografia estrutura a disciplina no final do século XIX e no começo do século XX; ela aproveita o impulso original, mas perde contato com um mundo em mutação. Ela se renova progressivamente a partir dos anos 1960 (CLAVAL, 1998; 2002).

Palavras chaves: Geografia, Geografia francesa, História da geografia.

Abstract: The French school of Geography structured the discipline at the end of the 19th and the beginning of the 20th Centuries. This school benefited from the initial surge of the discipline but over time lost contact with a changing world. Beginning in the 1960s the French school was progressively renewed (CLAVAL, 1998; 2002).

Keywords: Geography, French Geography, History of Geography.

A Gênese da Geografia Moderna nos Séculos XVIII e XIX

A geografia nasceu durante a Antiguidade grega, mas só adquiriu os aspectos que conhecemos a partir do século XVIII.

A ideia de marcar os locais com suas coordenadas astronômicas foi formulada por Eratóstenes e Hiparco, nos séculos III e II a.C., mas, por falta de meios para fixar o tempo, a medida precisa das longitudes era, então, impossível à época. Para fazer estimativas, os geógrafos consagram uma parte essencial de seus esforços à verificação minuciosa dos relatos de viagem ou de diários de bordo. Em meados do século XVIII, quando a invenção do cronômetro de marinha e o progresso dos métodos astronômicos os liberam dessa tarefa, eles devem reinventar seu ofício (GODLEWSKA, 1999).

Sua reconversão é facilitada pelo movimento geral das ciências: após Newton, a astronomia e a física fazem progressos fulgurantes; as ciências da terra e da vida começam a se estruturar. O impulso das disciplinas do homem e da sociedade é mais escalonado: a economia política toma forma com a *Riqueza das Nações*, que Adam Smith publica em 1776. Ao se transformar no relato dos destinos nacionais, a história toma uma nova feição no começo do século XIX. São dados nessa mesma época os primeiros passos da sociologia, da etnografia e da antropologia.

ⁱ Texto original em francês, *La Géographie Française*, traduzido por especialista e com revisão científica pelos editores.

ⁱⁱ Professor Emérito da Universidade de Sorbonne - Paris, laureado com o prêmio Vautrin Lud.

Uma renovação que começa fora da França

Não é na França que a geografia começa a tomar sua forma moderna: a geomorfologia deve seu desenvolvimento a dois escoceses, James Playfair (1726-1772) e John Hutton (1747-1819), que introduzem o princípio das causas atuais. Por ocasião de sua longa viagem à América Latina (1799-1804), Alexander von Humboldt (1769-1859) destaca o papel fundamental do campo e da análise da paisagem na coleta de dados; ele lança as bases da geografia botânica e descreve algumas características da geografia humana do mundo tropical e das colônias espanholas. Para entender o que acontece em um lugar, é necessário, de acordo com Carl Ritter (1779-1859), conhecer a sua latitude, altitude, a influência que exercem as correntes oceânicas e os movimentos atmosféricos, a disposição das rotas que o perpassam, etc.: a análise de posição destaca as múltiplas escalas de causalidade geográfica.

A geografia na sociedade francesa do século XIX

Na maioria das áreas do conhecimento, a Grã-Bretanha e a França se encontravam, naquele tempo, na vanguarda da pesquisa; os dois países são seguidos pela Alemanha e pela Itália. Tal como a Inglaterra, a França lançou grandes expedições científicas. Algumas são marítimas: Bougainville em 1766-1769, La Pérouse em 1785-1788, Nicolas Baudin em 1801-1802. Outras são terrestres e ligadas às guerras no exterior ou conquistas coloniais: Egito, 1798-1801; Moreia (atual Peloponeso, na Grécia) 1829-1831; Argélia, 1839-1843; México, 1865-1867.

Paris é o centro continental mais ativo do mundo científico. A cidade abriga instituições prestigiosas – a Academia de Ciências, o Museu de História Natural – ricas bibliotecas, cartógrafos, ilustradores, fabricantes de instrumentos científicos. A Sociedade de Geografia de Paris, fundada em 1821, é a primeira instituição do gênero no mundo. É dedicada à promoção da exploração geográfica do planeta.

Mentes excelentes se dirigem à capital francesa. Malte-Brun (1775-1826), autor da primeira grande geografia universal em língua francesa, é dinamarquês; Alexander von Humboldt (1769-1859), que é alemão, morou 28 anos em Paris lá escrevendo e publicando grande parte de sua obra.

A geografia desempenha um papel importante na sociedade francesa. Associada à história, ela é ensinada nas escolas secundárias. Muitos trabalhos são dedicados à geografia histórica. A opinião pública se apaixona pelas explorações.

A Revolução suscita novos questionamentos na elite intelectual francesa. A legitimidade do poder não vem mais de Deus. Tem sua origem no povo. Mas a França nasceu da paciente união, realizada pela Monarquia, de terras cujas tradições e línguas eram diversas: em 1789, somente 60% da população falava ou entendia francês. Esta diversidade linguística não compromete a unidade do país? A formação e a natureza da nação e do território nacional retêm, portanto, a atenção de geólogos como Elie de Beaumont (1798-1874) ou Dufresnoy (1792-1857), historiadores como Jules Michelet (1798-1874) e ensaístas e filósofos, como Hippolyte Taine (1828-1893) e Ernest Renan (1823-1892).

Os conflitos com a Inglaterra e a Revolução haviam feito desaparecer o primeiro império colonial francês. Desde 1830, um segundo estava em construção na África, Ásia e Oceania. Esperava-se que a geografia abrisse caminhos para a entrada em novos territórios e que ela fizesse com que fossem conhecidos aqueles que a França anexasse. A partir de 1860, são criadas, nos portos e nas grandes cidades, sociedades de geografia marítima, comercial e colonial, favoráveis à expansão imperial.

França e Prússia entraram em guerra em 1870. Derrotada, a França perde a Alsácia e parte da Lorena no Tratado de Frankfurt em 1871. Muitos intelectuais atribuíram a derrota ao despreparo das elites francesas e seu desconhecimento da geografia e de línguas estrangeiras. A sede por revanche exacerba o nacionalismo e incentiva o desenvolvimento do império colonial. A posição da geografia é reforçada. Sua modernização vem tanto da sociedade quanto da Universidade.

Reclus, Vidal de la Blache e a Estruturação da Geografia Moderna (1870-1920)

A contribuição da França à estruturação da geografia moderna torna-se fundamental a partir de 1870, graças à multiplicação de círculos de pensamento interessados na disciplina (BERDOULAY, 1981). Esse papel aparece claramente na obra de Elisée Reclus e na de Paul Vidal de la Blache.

Elisée Reclus (1830-1905) e a geografia anarquista

Nascido em uma família protestante, **Elisée Reclus** (ver VINCENT, 2010) passou por uma escola pestalozziana (em conformidade com a noção cara a Jean-Jacques Rousseau, segundo a qual o verdadeiro conhecimento é adquirido em contato com a natureza). No ensino secundário e superior, ele estudou na Alemanha, onde foi aluno de Carl Ritter em Berlim e foi iniciado ao alemão, holandês e inglês. Além disso, ele melhorou sua prática de inglês e espanhol quando de 1851 a 1857, teve de deixar a França depois do golpe que levou Napoleão III ao poder. Ele sofreu um novo período de exílio, desta vez na Suíça de 1871 a 1891. Seu compromisso político o levou a se estabelecer em Bruxelas a partir de 1892. Elisée Reclus é um cidadão do mundo e uma das grandes figuras da internacional anarquista.

Elisée Reclus se torna geógrafo por ocasião das viagens que foi obrigado a fazer no exílio, na Inglaterra, nos Estados Unidos e na Colômbia, e depois, uma vez de volta à França, através da redação de guias de viagens. Três grandes obras marcam sua carreira: os dois volumes de *A Terra (La Terre, 1868)* são dedicados essencialmente à geografia física; os dezenove volumes da *Geografia Universal (Géographie Universelle, 1876-1894)* oferecem uma descrição física e humana de todos os países; esse trabalho se apoia em uma rede mundial de colaboradores de alto nível, frequentemente anarquistas, que são financiados pelo editor Hachette; os cinco volumes de *A Terra e o Homem (La Terre et l'Homme, 1905-1908)* apresentam uma visão de conjunto da humanização da Terra e da organização do espaço nos cinco continentes.

A obra de Reclus vale pela qualidade da documentação recolhida, pelo conhecimento preciso da diversidade étnica do mundo, pela forma como as cidades e seu papel são destacados e pela visão proposta da história: Reclus analisa a difusão espacial do

povoamento humano na superfície da Terra e as vitórias que os humanos conquistaram gradualmente contra a opressão. Verdadeiro hino à liberdade, seu último livro ainda continua muito atual. Em contrapartida, Reclus não consegue dar conta da organização regional do espaço, da gênese das paisagens rurais e das atividades dos campos.

Paul Vidal de la Blache (1845-1917) e a formação da geografia clássica

A vida de **Paul Vidal de la Blache** (SANGUIN, 1992) é mais clássica que a de Elisée Reclus. Aluno brilhante, Vidal de la Blache foi recebido na *École Normale Supérieure de Paris*, onde escolheu estudar História. Aceito na Escola de Atenas (um estabelecimento francês de ensino superior na Grécia), ele prepara uma tese de História sobre os títulos funerários na Ásia Menor. Torna-se geógrafo percorrendo a Anatólia, tendo às mãos a obra que Carl Ritter dedicou a essa parte do mundo, e visitando os Bálcãs e o Oriente Médio, onde assiste, em 1869, a abertura do Canal de Suez.

Sua primeira motivação é geopolítica: que mudanças a abertura do estreito de Suez acarretará ao equilíbrio da ordem mundial? Qual será o papel do Mediterrâneo no novo contexto? Quem assegura a coesão de um país tão diverso quanto a França? Como limitar o desequilíbrio de poder entre a França e a Alemanha? Suas preocupações políticas são permanentes.

Vidal de la Blache passa vinte anos aprendendo o ofício de geógrafo, modernizando-o e criando ferramentas sem as quais seria impossível exercê-lo. Ele prepara em particular um grande atlas que faltava ao país. Ele desenvolveu o quadro conceitual no qual se baseia, em seguida, seu trabalho. Passa suas férias universitárias percorrendo, de trem e a pé, a Europa e a África do Norte; mais tarde, viaja à América do Norte. Vidal de la Blache funda em 1892 os *Annales de Géographie*, a grande revista de língua francesa.

Uma doutrina científica domina os anos de 1870 a 1880: o evolucionismo. É na perspectiva aberta no começo do século XIX por Lamarck e ilustrada em 1859 pela obra de Darwin *Origem das Espécies*, que Vidal de la Blache baseia seu trabalho. Ele busca entender como a humanidade se formou e como ocupou e transformou a superfície da Terra. Daí a curiosidade que ele manifesta pela pré-história, os museus etnográficos, a tecnologia das populações do passado: tudo o que nos informa sobre o desenvolvimento da humanidade.

Emile Levasseur foi o primeiro renovador da geografia francesa após a derrota de 1870. Vidal de la Blache adota uma ideia essencial de Levasseur: para entender a geografia humana de um país, convém partir do mapa de suas densidades; ele torna evidente a pressão que os grupos exercem sobre o ambiente.

A reflexão de Vidal de la Blache é paralela àquela que empreende, no mesmo momento, Friedrich Ratzel (1882-1891) na Alemanha: ambos se inspiram nos ensinamentos de Carl Ritter. Ambos são *evolucionistas* – mesmo que Vidal de la Blache seja mais próximo a Lamarck e Ratzel a Darwin. Ambos se preocupam em compreender a trajetória da humanidade, mas divergem sobre isso. Para Ratzel, o primeiro dado é o *povo*, quer dizer, um conjunto estruturado que tende a se dotar de um Estado; para Vidal de la Blache, é o *grupo*, uma entidade geralmente mais reduzida e de contornos mais fluidos. Os grupos, ao se agregarem, dão nascimento a *nações*.

Esclarecer as etapas do progresso humano consiste em estudar o que permite aos diversos grupos sobreviver e se desenvolver; é analisar sua tecnologia e seus modos/gêneros de vida (VIDAL DE LA BLACHE, 1922). Para Vidal de la Blache, estes não são fixos: a força do hábito os dota de certa inércia, mas é das inovações que se produzem, modificam-se as relações do homem com o ambiente e permite-se, em certos momentos, superar barreiras até então intransponíveis. Eis a essência do *possibilismo*, a interpretação das relações entre o homem e o meio que se atribui a Vidal de la Blache, mas cuja formulação vem de Lucien Febvre.

Os gêneros de vida se inserem na paisagem por arranjos específicos: Vidal de la Blache é um dos primeiros a compreender a diversidade das paisagens agrárias, que se opõe aos bosques das regiões de campos abertos, *openfields*, dos países da Europa ocidental e central.

Gêneros de vida e paisagens agrárias são estruturas, assim como as *regiões* que o geógrafo aprende a reconhecer e a delimitar na superfície da Terra. Essas formas de organização do espaço são frequentemente duráveis, o que faz delas o objeto privilegiado da descrição geográfica. Vidal de la Blache tem consciência da diversidade de forças que as formam: ele utiliza a ideia de *região natural* dos geólogos franceses, modeladas pelo clima, relevo e afloramentos rochosos; as unidades locais com recursos complementares se agregam para constituir conjuntos bem vivos na consciência de seus habitantes; as *regiões históricas* resistem ao tempo; as *regiões culturais* também existem (VIDAL DE LA BLACHE, 1903). As *idades* sempre desempenharam um papel na organização do espaço. Após suas viagens aos Estados Unidos, Vidal de la Blache (1910) enfatiza que com as estradas de ferro, a circulação moderna e a industrialização, o lugar das grandes cidades se torna dominante na gênese das regiões.

A abordagem regional permite a Vidal de la Blache mostrar, no *Quadro da Geografia da França* (*Tableau de la géographie de la France*, 1903) como se forma a “personalidade” dos países cuja história se inscreve com longa duração; ela também esclarece a arquitetura econômica – e, portanto política – do mundo criado pela modernidade

Nos *Princípios de Geografia Humana* (*Principes de géographie humaine*), obra póstuma publicada em 1922, Vidal de la Blache oferece uma visão de conjunto da geografia humana: essa diz respeito (i) às relações entre os grupos humanos e o ambiente e (ii) à circulação, isto é, às relações entre esses grupos humanos. Com o mapa das densidades e o estudo dos gêneros de vida, Vidal de la Blache propõe modos de análise eficazes. Ele dá bases sólidas à geografia regional, na qual se combinam diferentemente, segundo as épocas e o nível econômico, as forças físicas e as distribuições humanas. Ele nunca perde de vista que a geografia deve conduzir à organização do território.

Graças a ele, a geografia se afirma entre as outras ciências sociais. Ao focar nas técnicas e nos gêneros de vida, Vidal de la Blache aprende a analisar as sociedades em sua base: agricultores, pescadores, silvicultores, artesãos, trabalhadores, etc.; a lenta melhoria dos seus “saber fazer” condiciona a evolução da humanidade. Esses temas prenciam os estudos sobre a *longue durée* (longa duração), nos quais, Fernand Braudel, historiador e também geógrafo, se torna o teórico, a partir de 1950. A obra de Vidal de la Blache tem uma fraqueza: a análise dos gêneros de vida não é adaptada às sociedades industrializadas e urbanizadas.

Os Vidalianos e a Escola Francesa de Geografia (1900-1950)

Elisée Reclus exerce uma grande influência, mas, tendo feito carreira fora da Universidade, o seu impacto é mais forte entre as classes médias e populares do que no mundo acadêmico. É Vidal de la Blache que, seguido por uma legião de geógrafos, assegura à Escola Francesa a excelência demonstrada pela geografia francesa até a Segunda Guerra Mundial e além.

Vidal de la Blache ensina na *École Normale Supérieure* e, depois, na Sorbonne. Forma a maior parte dos quadros da disciplina nas primeiras décadas do século XX (alguns deles eram historiadores, pois recebiam, na época, a mesma formação universitária que os geógrafos, sendo que a especialização acontecia no nível da pesquisa). Todos proclamam sua fidelidade ao pensamento do mestre, mas aqueles que se firmam, são os que irão figurar nos ensinamentos que se seguiram: a maior parte ignorava os últimos desenvolvimentos de sua reflexão. A geografia dos seus discípulos é menos inovadora que a de Vidal de la Blache.

Quer seguissem na geografia física, na geografia humana ou na geografia política, todos os vidalianos concordam com a preeminência da abordagem regional, mas, como Lucien Gallois (1908), eles geralmente atribuíam maior importância à região natural que àquela moldada pela circulação no mundo atual. São provas disso, as teses de doutorado que tratam de uma região no modelo que Albert Demangeon dedicou à Picardia (1905). Ao analisar o conjunto de um país, eles insistiam sempre na descrição e organização das regiões: é o caso de Pierre Denis em *República Argentina* (1920), dos autores da *Geografia Universal* lançada por Paul Vidal de la Blache e dirigida por Lucien Gallois; de Albert Demangeon em *Ilhas Britânicas* (1927), Emmanuel de Martonne para a *Europa Central* (1930-1931) e Henri Baulig para a *América setentrional* (1935-1936), por exemplo. Ao mesmo tempo, acadêmicas e bem escritas, essas obras são muitas vezes traduzidas e divulgam a geografia francesa no exterior.

Os vidalianos estendem o campo das pesquisas geográficas. Seguindo Raoul Blanchard (1877-1965), os geógrafos se envolvem com a geografia urbana (1912). Um dos historiadores que receberam uma formação geográfica, Marc Bloch (1886-1944), tira partido das intuições de Vidal no domínio das paisagens agrícolas, e publica em 1931 *Os caracteres originais da história rural francesa* (*Les Caractères originaux de l'histoire rurale française*). Ele abre, assim, o caminho a várias pesquisas. Pierre Defontaine (1894-1978) segue em direção à geografia cultural (1948).

A geografia política praticada por Albert Demangeon (1920) ou Georges Ancel (1936), entre as duas guerras mundiais, se distingue daquelas escritas na época na Alemanha e nos países de língua inglesa, porque ela visa mais garantir a paz e o equilíbrio na Europa e no mundo do que facilitar o poderio das nações e a expansão imperial.

Especialista do renascimento e dos primórdios da era moderna, Henri Hauser (1866-1946) é um historiador, mas não se esquece de sua formação como geógrafo. Durante a Primeira Guerra Mundial, ele foi inspirado pelas ideias que Vidal de la Blache acabava de desenvolver sobre a Região para realizar, no Ministério da Indústria, onde ele foi convocado, um plano de reorganização regional da França que, com algumas alterações, se impõe durante quase um século (HAUSER, 1924).

Os geógrafos franceses se propõem a estudar o Império Colonial. Aqueles que trabalharam na Indochina ou na África Subsaariana descobrem as especificidades do mundo tropical: **Pierre Gouru** (1900-1999), que dedicou a sua tese ao delta do Rio Vermelho em Tonquim (1936) e que depois trabalhou na América Latina e na África, faz uma síntese notável de problemas que sobressaem colocações para valorização dos *Países Tropicais* (*Les Pays tropicaux : principes d'une géographie humaine et économique*, 1947).

Com a exceção de Camille Vallaux (1925), os geógrafos vidalianos têm pouco interesse nos fundamentos da sua disciplina. A lacuna é preenchida por um historiador, **Lucien Febvre** (1878-1956). Ele renova a história das antigas províncias francesas, repensando-a à luz das análises de Vidal de la Blache, como ilustra seu trabalho sobre a Franche-Comté (1912). Constatando que os geógrafos não apresentavam um panorama satisfatório de sua disciplina, ele substituiu aquele trabalho e publica em 1922, *A Terra e a Evolução Humana*, em que apresenta a Geografia Humana, ressalta a originalidade da obra de Vidal de la Blache e destaca seu significado. O livro é interessante, porém ambíguo. Para Febvre, a abordagem geográfica destaca a aptidão dos grupos humanos para superar as limitações naturais (é "possibilística"), mas é incapaz de estabelecer leis: o campo da disciplina é rico, mas limitado. Febvre defende a geografia, mas não a situa na vanguarda das ciências sociais. O livro foi um sucesso, mas desviou jovens geógrafos de questionamentos epistemológicos.

Em 1928, Lucien Febvre funda com Marc Bloch uma grande revista de História, *Les Annales. Economies, sociétés, civilisations*. Ele incorpora à História algumas das ideias-chave da geografia vidaliana.

Por muito tempo ocupado por responsabilidades administrativas, **Max Sorre** (1880-1962) só divulga seus pensamentos sobre *Os Fundamentos da Geografia Humana* mais tarde, entre 1943 e 1952. O livro, bem documentado e altamente original, explica a base biológica da geografia vidaliana e cria a geografia médica. Interrogando-se sobre os pontos fracos do conceito de gênero de vida, Max Sorre participa dos debates que caracterizam o pós Segunda Guerra Mundial.

Qual o geógrafo mais representativo da escola francesa? **Albert Demangeon** (1872-1940). Vindo de uma família modesta, estudante da Ecole Normale Supérieure, ele foi um pioneiro das teses regionais. Especializando-se em países do Noroeste da Europa (Grã-Bretanha, Bélgica, Holanda) e tendo viajado para os Estados Unidos, ele está interessado nas forças econômicas que moldam o mundo moderno. Como todos os geógrafos de sua geração, a Primeira Guerra Mundial o afeta pessoalmente e o entristece como cidadão: o conflito o conduziu ao *Declínio da Europa* (*Le Déclin de l'Europe*, 1920). Demangeon começa, desde então, a monitorar a atualidade política e econômica e a interpretá-la do ponto de vista geográfico. Ele se interessa pelo *Império Britânico* (*L'Empire britannique*, 1922) para esclarecer os métodos que levaram à sua expansão e os fatores que sinalizam o início de seu declínio. Os trabalhos de Demangeon também abordam o campo, domínio no qual, ele inicia e dirige grandes enquetes nacionais e internacionais sobre o *habitat*. Depois de escrever descrições regionais maravilhosas das Ilhas Britânicas (*Îles Britanniques*, 1927a), da Bélgica e da Holanda (1927b), ele volta-se para França (1948), mas desiste de implementar a abordagem que havia utilizado até então: ele ficou consciente dos limites da abordagem regional de Vidal de la Blache, mas não conseguiu formular uma outra. Ele morre em 1940, por ocasião da derrota francesa.

O Mal-estar da Geografia Francesa (1945-1968)

1 – Um mal-estar se instala na geografia francesa após a Segunda Guerra Mundial: as receitas de Vidal de la Blache não são mais adequadas para um mundo em que a urbanização e a industrialização se aceleram. Por quê? O diagnóstico de Pierre George é semelhante ao de Max Sorre: a descrição dos gêneros de vida não foi feita para sociedades que se tornaram muito complexas. Max Sorre, sensível ao caráter concreto do gênero de vida, se propõe a manter seu uso, mas aplicando-o a categorias restritas e homogêneas – os trabalhadores das ferrovias, por exemplo. Para descrever geograficamente o mundo, **Pierre George** (1909-2006) escolheu substituir os gêneros de vida por *categorias socioprofissionais* que os estatísticos usavam para caracterizar as sociedades modernas, para as quais a *demografia* dá uma visão complementar.

Pierre George elabora, assim, uma geografia cujas bases são socioeconômicas: ele apreende o mundo atual, mas esvazia as análises de seu aspecto concreto, vivo, que era o charme dos trabalhos regionais da Escola Francesa. A economia que dá sustentação a esse modelo é bem rudimentar; marxista nos anos de 1940 e 1950, ele se baseia posteriormente em uma tripartição inspirada pelas pesquisas sobre o progresso econômico iniciadas pelo australiano Colin Clark e retomadas na França por Jean Fourastié (1947). Pierre George utiliza o conceito de Terceiro Mundo do demógrafo Alfred Sauvy para designar os países em vias de desenvolvimento. O mundo é tripartido: os países industrializados de economia capitalista, os países socialistas, e o Terceiro Mundo. A simplicidade desse esquema e as interpretações do mundo atual sugeridas por ele têm um grande sucesso na França e em vários países estrangeiros.

2 – O mal-estar pelo qual passa a geografia nos anos do pós-guerra é interpretado de forma diferente por outros autores. Para Maurice Le Lannou (1906-1992), a geografia humana (1949) deve ser recentrada no tema do homem como habitante da Terra.

Eric Dardel (1899-1967) vai muito mais longe nesse caminho. Ele pertence ao meio protestante. Historiador (mas com uma formação de geógrafo, como é o caso de sua geração), ele é também filósofo, como seu genro, Henry Corbin, o primeiro especialista francês de Heidegger, e próximo da antropologia (seu sogro, o Pastor Leenhardt, é um dos grandes etnólogos do início do século XX). Dardel publica em 1952 uma pequena e maravilhosa obra, *O Homem e a Terra (L'Homme et la Terre)*, que infelizmente não chama a atenção dos universitários. Para Dardel, a disciplina se beneficiaria da adoção de uma abordagem fenomenológica: ela deixaria de ser positivista e focaria sua atenção nos sentidos que os homens dão à sua existência. Foram necessários vinte anos para que essas idéias fossem reconhecidas na França.

3 – **Jean Gottmann** (1915-1994) representa a terceira corrente que questiona a geografia clássica. Nascido na Rússia, tendo chegado a Paris aos seis anos de idade, Jean Gottmann é profundamente francês, mesmo passando mais da metade de sua vida no mundo anglófono: judeu, exilou-se em 1941 nos Estados Unidos. Após a guerra e até 1972, ele ensina um semestre por ano na França e um semestre nos Estados Unidos. Instala-se em Oxford, onde é nomeado Professor Catedrático em 1973 e aí finaliza o restante de sua carreira.

Jean Gottmann (1947; 1952) retém de Vidal de la Blache a ideia de que a geografia humana estuda ao mesmo tempo as relações “verticais” do homem e do meio e os laços “horizontais” tecidos entre eles. Ele se difere pela concepção que tem dos laços verticais com o meio, que são, para ele, de natureza simbólica, e pela ênfase que dá à circulação, por muito tempo negligenciada (GOTTMANN, 1961). Essas são ideias próximas às desenvolvidas na mesma época por Edward Ullman, um dos pioneiros da Nova Geografia nos Estados Unidos.

Mal integrado à Universidade francesa, vivendo em parte nos Estados Unidos, em uma época em que estes eram mal vistos pelos colegas marxistas, suas ideias não têm repercussão na França.

Os esforços para compreender as insatisfações sofridas na disciplina e para remediá-las são, portanto, de efeito limitado na França: a corrente que se impõe, a qual é representada por Pierre George, não questiona de fato a geografia clássica e propõe uma versão empobrecida dela.

A “geração de 1930” e a renovação da disciplina (de 1960 aos dias atuais)

Os estudantes que estudam geografia no início dos anos de 1950 são particularmente sensíveis ao mal-estar da disciplina: eles sonham em revitalizar a economia do país e melhor organizar o espaço, mas os ensinamentos que recebem não os preparam para isso. As responsabilidades às quais aspiram ecoam entre os economistas. É a essa “**geração de 1930**” (BATAILLON, 2009) que devemos a modernização da geografia francesa.

1 – Nascido em 1931, originalmente marxista, **Roger Brunet** prepara uma tese de geografia regional sobre o campo na região de Toulouse; ele se orienta mais para os problemas sociais e econômicos do que como geralmente se fazia. Ele aborda os problemas epistemológicos em seu trabalho sobre *Os efeitos do limiar da Geografia (Les Effets de seuil en géographie)*. Ele se dedica completamente à renovação da geografia a partir de 1968. Cria, em 1972, a revista *L'Espace géographique*, aberta a todas as novas orientações. Ele valoriza, entretanto, a ideia da geografia clássica de que a abordagem regional é fundamental em nossa disciplina – como o mostram as obras coletivas que dirige: uma geografia da França e uma nova geografia universal.

Para modernizar a abordagem regional, Brunet tira partido de trabalhos da linguística: da mesma forma como a fonética moderna nasceu da análise das menores unidades sonoras, os *fonemas*, a geografia deve, segundo ele, partir das menores unidades espaciais, os *coremas*. Suas reflexões obtêm sucesso considerável no ensino secundário, mas a hipótese sobre as quais se assenta é frágil. Foi, sobretudo, com seus trabalhos sobre os *antimundos* – as zonas de delinquência e de ausência de direito, os *gulags*, os paraísos fiscais – que Brunet contribuiu à renovação da disciplina (Brunet, 1986; 1990).

2 – Nascido em 1929, originalmente marxista, **Yves Lacoste** trabalha inicialmente na trilha de Pierre George. Torna-se especialista em geografia do Terceiro Mundo e nas dificuldades do desenvolvimento. Para ele, estas são devidas à dominação que as potências ocidentais continuam a exercer sobre os países recém-independentes:

Claval, P.

é analisando a guerra dos Estados Unidos contra os comunistas no Vietnã que ele descobre a geopolítica.

O pequeno livro que publica em 1976, *A Geografia serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra (La Géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre)*, e a revista que cria no mesmo ano, *Hérodote*, são manifestos que têm repercussão considerável entre muitos jovens professores universitários, entre os estudantes e entre os professores do secundário. A geopolítica e a geografia política, que os marxistas condenavam, volta a ser reconhecida. Com o tempo, as posições de Lacoste deixam de ser esquerdistas. A atenção que deu à cena política marcou a geografia contemporânea.

3 – Ao preparar uma tese de geografia regional sobre a pecuária na Normandia, **Armand Frémont** (nascido em 1933) se recusa a se inserir no quadro frio e insípido de muitas das publicações recentes do momento: os geógrafos não sabem mais descrever as paisagens e dar vida àqueles que as habitam! A partir de 1972, Frémont inspira, assim, uma corrente de pesquisa sobre o “espaço vivido”, cujos objetivos são próximos aos da corrente humanista desenvolvida na época no mundo anglófono, mesmo que ele não fizesse referência explícita à fenomenologia. Sua obra *A Região, Espaço Vivido (La Région, espace vécu, 1976)*, tem grande sucesso, inspirando muitos trabalhos bastante inovadores.

Nos anos de 1980, Armand Frémont trabalha pela modernização da geografia social. As responsabilidades administrativas que assume na época diminuem a frequência de suas publicações.

4 – Para modernizar a geografia, **Paul Claval** (nascido em 1932) toma como modelo a Economia, na época a mais dinâmica das ciências sociais. Ele descobre em 1957 a obra que Claude Ponsard publicou em 1955, *Economia e espaço (Economie et Espace)*, na qual se inspira. Sua abordagem é paralela a dos jovens geógrafos americanos que em Seattle e depois nas universidades do Meio Oeste lançam a Nova Geografia, mas é independente deles. Diferentemente de Brian J. L. Berry e da maior parte de seus colegas americanos, ele prefere aprofundar a teoria espacial em vez de mobilizar os métodos quantitativos para verificar seus resultados. Três obras marcam essa primeira orientação, *Geografia geral dos mercados (Géographie générale des marchés, 1963)*, *Regiões, nações, grandes espaços (Régions, nations, grands espaces, 1968)* e *As relações internacionais (Les Relations internationales, 1970)*. O primeiro tira partido da microeconomia, os dois outros, da macroeconomia. Esses trabalhos destacam mais do que as publicações contemporâneas de língua inglesa o papel da informação na vida econômica e enfatizam que a economia clássica ignora o papel do progresso, gerador de economias de escala e de economias externas, na organização do espaço. O conjunto desses resultados é apresentado em *Elementos de geografia econômica (Éléments de géographie économique, 1976)*.

A geografia econômica, assim, se moderniza. Paul Claval empreende, então, um repensar da geografia humana, acentuando, como fazia a Nova Geografia econômica, o papel da distância na vida social. Em *Princípios de geografia social (Principes de géographie social, 1973)*, ele substitui o estudo dos gêneros de vida, inadequados à compreensão das sociedades complexas do mundo atual, por uma análise de agendas, dos deslocamentos e dos papéis desempenhados pelas populações estudadas: isso permitia

abarcam ao mesmo tempo a inserção das pessoas nas relações institucionalizadas que canalizam a atividade social, a semelhança das condições dos que ocupam as mesmas posições e sua transformação em classes quando tomam consciência daquilo que compartilham. *Os elementos de geografia humana (Éléments de géographie humaine, 1974)* apresentam uma versão renovada da disciplina. Em *Espaço e poder (Espace et Pouvoir, 1978)*, aproveitando a distinção proposta por Max Weber entre o poder puro, a autoridade legítima e as diversas formas de dominação econômica, ele elabora uma geografia política adaptada ao mesmo tempo às formas tradicionais de poder e a suas manifestações mais modernas.

Considerar as economias de comutação o leva a enfatizar a *Lógica das Cidades (La Logique des Villes, 1981)*, uma nova maneira de conceber a geografia urbana.

Os trabalhos que realiza nos anos de 1970, e que destacam o papel da confiança e da legitimidade nas relações humanas e a consideração de todas as contribuições da geografia humanista, o conduz, a partir dos anos de 1980, a se voltar à abordagem cultural, à qual dedica ensaios, *Os mitos fundadores das ciências sociais (Les Mythes Fondateurs des Sciences Sociales, 1980)* e um manual, *A geografia cultural (La Géographie Culturelle, 1995)*.

Paul Claval participa, assim, da Nova Geografia dos anos 1950 e 1960, prolongando-a de forma original na área social, humana e urbana nos anos 1970. Mais tarde ele propõe uma estruturação coerente da abordagem cultural.

Nos anos de 1970, a Nova Geografia toma uma orientação diferente na França daquela escolhida por Paul Claval: como nos Estados Unidos, ela enfatiza o emprego de métodos quantitativos – com uma particularidade: a análise fatorial utiliza neste caso a análise de correspondências de Maurice Benzecri (1976) ao invés da análise de componentes principais.

Orientações Recentes

A corrente da geografia quantitativa, muito ativa nos anos de 1970, ingressa nos anos de 1980 com trabalhos originais: os geógrafos franceses aproveitam ferramentas matemáticas e estatísticas originais (teoria de subconjuntos fluidos, teoria das catástrofes, fractais...). Ao redor de **Denise Pumain**, eles propõem interpretações originais da cidade e das redes urbanas (*PUMAIN et al., 1989*).

Há uma explosão de trabalhos relativos à cultura a partir de 1980. Eles tratam das representações (ANTOINE BAILLY, 1997; BERNARD DEBARBIEUX, 1997), da territorialidade (JOËL BONNEMAISON, 1996-1997; 2001), da paisagem (GILLES SAUTTER, 1979; AUGUSTIN BERQUE, 1995; ALAIN ROGER, 1997; JEAN-ROBERT PITTE, 1983), da epistemologia (JEAN-FRANÇOIS STAZSAK, 1995; 2003), da geografia do odor, da audição e do gosto (JEAN-ROBERT PITTE, 1991) ou da nudez (FRANCINE BARTHE, 2003). Toda uma escola se constitui, em torno de Jean-Robert Pitte, à geografia alimentar. A música e a dança são igualmente tratadas.

Com ligação com a geografia anglófona, são abordados os temas da pós-modernidade de gênero e do pós-colonialismo.

A obra de **Augustin Berque** (nascido em 1942) é particularmente rica. Especialista no Japão, ele esclarece a forma como os japoneses vivenciam seu espaço (1982). Inspira-se

Claval, P.

no filósofo japonês Watsuji Tetsuro, que fez uma interpretação oriental de Heidegger. Ele apresenta uma nova maneira de pensar as relações que os grupos humanos mantêm com o meio, que chama de *médiance* (1990; 2014). Explorando o tema, ele descobre que somente duas civilizações, a chinesa a partir do século IV d.C. e a ocidental a partir do século XIV, fizeram da paisagem uma categoria (Berque, 1995). Em *Ecúmeno (Écoumène)*, (2000), ele volta a Platão e Aristóteles para desvendar como a filosofia ocidental concebe as relações do homem com o cosmos e com a natureza. O estendal tão prezado pela sociedade ocidental contemporânea tem suas origens na China antiga (BERQUE, 1995).

Conclusão

Os geógrafos franceses contribuíram em grande medida ao sucesso da disciplina entre 1870 e 1940. As ferramentas que empregaram, infelizmente, não são adaptadas ao mundo urbanizado e industrializado que se estabelece em meados do século XX. Entre 1940 e 1960, esforços são realizados para modernizar a disciplina, mas que são levados a cabo somente a partir dos anos de 1960. A geografia presencia então, na França, as mesmas fases do mundo anglófono (Nova Geografia, abordagens humanista e radical, pós-modernismo, pós-colonialismo, virada cultural...), mas permanece original pela sua preocupação com a coerência e a ênfase que dá ao papel da informação, à natureza do território, à paisagem, à geografia dos sentidos e às relações com o meio.

Referências Bibliográficas

ANCEL, G. *Géopolitique*. Paris: Delagrave, 1936.

BAILLY, A. *La Perception de l'espace urbain*. Paris: CRU, 1977.

BARTHE, F. *Géographie de la nudité. Etre nu quelque part*. Paris: Bréal, 2003.

BATAILLON, C. *Géographes. Génération 1930*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2009.

BENZECRI, J.-P. *L'Analyse des données: l'analyse des correspondances*. Paris: Dunod, 1976.

BERDOULAY, V. *La Formation de l'Ecole géographique française*. Paris: Bibliothèque Nationale, 1981.

BERQUE, A. *Vivre l'Espace au Japon*. Paris: PUF, 1982.

BERQUE, A. *Médiance. De milieux en paysage*. Montpellier: Reclus, 1990.

BERQUE, A. *Les Raisons du paysage. De la Chine aux images de synthèse*. Paris: Hazan, 1995.

- BERQUE, A. *Écoumène. Introduction à l'étude des milieux humains*. Paris: Gallimard, 2000.
- BERQUE, A. *Histoire de l'habitat idéal. De l'Orient à l'Occiden*. Paris: Le Félin, 2010.
- BERQUE, A. *Poétique de la Terre. Histoire naturelle et histoire humaine, essai de mésologie*. Paris: Belin, 2014.
- BLOCH, M. *Les Caractères originaux de l'histoire rurale française*. Oslo: Institut pour l'étude comparée des civilisations, 1931.
- BONNEMAISON, J. *Les Fondements culturels d'une identité. L'archipel du Vanuatu*. 2 vol. Paris: ORSTOM, 1996-1997.
- BONNEMAISON, J. *La Géographie culturell*. Paris: CTHS, 2001.
- BRUNET, R. *Les Phénomènes de discontinuité en géographie*. Paris: Editions du CNRS, 1970.
- BRUNET, R. *Atlas mondial des zones franches et paradis fiscaux*. Paris: Fayard; Montpellier, Reclus, 1986.
- BRUNET, R. *Mondes nouveaux*. Paris: Hachette; Montpellier: Reclus, 1990.
- BRUNET, R. *Le Déchiffrement du monde. Théorie et pratique de la géographie*. Paris: Belin, 2001.
- BRUNHES, J. *La Géographie humaine. Essai de classification positive*. Paris: Alcan, 1910.
- CLAVAL, P. *Géographie générale des marchés*. Paris: Les Belles Lettres, 1963.
- CLAVAL, P. *Régions, nations, grands espaces. Géographie générale des ensembles territoriaux*. Paris: M.-Th Genin, 1968.
- CLAVAL, P. *Principes de géographie sociale*. Paris: Litec, 1973.
- CLAVAL, P. *Espace et pouvoir*. Paris: PUF, 1978.
- CLAVAL, P. *Les Mythes fondateurs des sciences sociales*. Paris: PUF, 1980.
- CLAVAL, P. *La Logique des villes. Essai d'urbanologie*. Paris: Litec, 1981.
- CLAVAL, P. *La Géographie culturelle*. Paris: Nathan, 1995.
- CLAVAL, P. *Histoire de la géographie française de 1870 à nos jours*. Paris: Nathan, 1998.

Claval, P.

CLAVAL, P. *Épistémologie de la géographie*. Paris: Armand Colin, 2002.

DARDEL, E. *L'Homme et la terre*. Paris: PUF, 1952.

DEBARBIEUX, B. L'exploration des mondes intérieurs. In: KNAFOU, R. (dir.), *L'Etat de la géographie*. Paris: Belin, 1997, p. 371-384.

DEFFONTAINES, P. *Géographie et religions*. Paris: Gallimard, 1948.

DEMANGEON, A. *La Plaine picarde. Étude de géographie sur les plaines de craie du Nord de la France*. Paris: Armand Colin, 1905.

DEMANGEON, A. *Le Déclin de l'Europe*. Paris: Payot, 1920.

DEMANGEON, A. *L'Empire britannique. Essai de géographie coloniale*. Paris: Armand Colin, 1923.

DEMANGEON, A. *Géographie universelle, t. 1, Les Îles Britanniques*. Paris: Armand Colin, 1927a.

DEMANGEON, A. *Géographie universelle, t. 2, Belgique, Pays-Bas, Luxembourg*. Paris: Armand Colin, 1927b.

DEMANGEON, A. *Problèmes de géographie humaine*. Paris: Armand Colin, 1942.

DEMANGEON, A. *La France économique et humaine*. Paris: A. Colin, 1948, 2 vol.

DENIS, P. *Le Brésil au xx^e siècle*. Paris: Armand Colin, 1908.

DENIS, P. *La République argentine*. Paris: Armand Colin, 1920.

FEBVRE, L. *Histoire de la Franche-Comté*. Paris: Boivin, 1912.

FEBVRE, L. *La Terre et l'évolution humaine*. Paris: La Renaissance du Livre, 1922.

FOURASTIE, J. *Le Grand Espoir du XX^e siècle*. Paris: PUF, 1947.

FREMONT, A. *La Région, espace vécu*. Paris: PUF, 1976.

GALLOIS, L. *Régions naturelles et noms de pays*. Paris: Armand Colin, 1908.

GEORGE, P. La notion de genre de vie. In *Introduction géographique à l'étude de la population du monde*. Paris: PUF et INED, 1951.

GEORGE, P. *Le Métier de géographe*. Paris: Armand Colin, 1990.

GODLEWSKA, A. *Geography Unbound. French Geographic Science from Cassini to Humboldt*. Chicago: Chicago University Press, 1999.

GOTTMANN, J. De la méthode d'analyse en géographie humaine. *Annales de géographie*, v. 56, p. 1-12, 1947.

GOTTMANN, J. *La Politique des États et leur géographie*, Paris, Armand Colin, 1952.

GOTTMANN, J. *Megalopolis. The Urbanized Seaboard of Northeastern United States*. Cambridge (Mass.): MIT Press, 1961.

GOUROU, P. *Les Paysans du delta tonkinois. Etude de géographie humaine*. Paris: Editions d'Art et d'Histoire, 1936.

GOUROU, P. *Les Pays tropicaux : principes d'une géographie humaine et économique*. Paris: PUF, 1947.

HAUSER, H. *L'organisation gouvernementale française durant la guerre. Le problème du régionalisme*. Paris: PUF, 1924.

HUMBOLDT, A. *Essai sur la géographie des plantes*. Paris: Schoell ; éd. originale allemande, Stuttgart et Augsburg, 1807/1805.

HUMBOLDT, A. *Vues des cordillères et monuments des peuples indigènes de l'Amérique*, rééd.. Nanterre, Érasme, 1989/1810.

LACOSTE, Y. *La Géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre*. Paris: Maspéro, 1976.

LE LANNOU, M. *La Géographie humaine*. Paris: Flammarion, 1949.

MARTONNE, E. *Traité de géographie physique*. Paris: Armand Colin, 1909.

MICHELET, J. *Tableau de la France*, rééd. Paris: Hermès-Pierre Waleffe, 1966/1833.

PITTE, J.-R. *Histoire du paysage français*. 2 vol. Paris: Tallandier, 1983.

PITTE, J.-R. *Gastronomie française. Histoire et géographie d'une passion*. Paris: Fayard, 1991.

PONSARD, C. *Économie et espace*. Paris: SEDES, 1955.

PUMAIN, D., SANDERS, L., SAINT-JULIEN, Th. *Villes et Auto-organisation*. Paris: Economica, 1989.

Claval, P.

RATZEL, F. *Anthropogeographie oder Grundzüge der Anwendung der Erdkunde auf die Geschichte*. Stuttgart: Engelhorn, 1882-1891.

RECLUS, E. *La Terre. Description des phénomènes de la vie du globe*. 2 vol. Paris: Hachette, 1868.

RECLUS, E. *Nouvelle Géographie universelle. La Terre et les Hommes*. 19 vol. Paris: Hachette, 1876-1894.

RECLUS, E. *L'Homme et la Terre*. 6 vol. Paris: Librairie Nouvelle, 1905-1908.

RENAN, E. *Qu'est-ce qu'une nation?* Paris: Calmann-Lévy, 1882.

ROGER, A. *Court Traité du paysage*. Paris: Gallimard, 1997.

SANGUIN, A.-L. *Vidal de la Blache, un génie de la géographie*. Paris: Belin, 1992.

SAUTTER, G. Le paysage comme connivence. *Hérodote*, n. 16, p. 40-67, 1979.

SION, J. *Les Paysans de Normandie orientale*, Paris, A. Colin, 1908.

STASZAK, J. F. *La Géographie d'avant la géographie. Le climat chez Aristote et chez Hippocrate*. Paris: L'Harmattan, 1995.

STASZAK, J.-F. *Géographies de Gauguin*. Paris: Bréal, 2003.

TAINE, H. *Carnets de voyage*. Paris, 1863/1865.

VALLAUX, C. *Les Sciences géographiques*. Paris: F. Alcan, 1925.

VIDAL DE LA BLACHE, P. *Histoire et géographie. Atlas général*. Paris: A. Colin, 1894.

VIDAL DE LA BLACHE, P. *Tableau de la géographie de la France*. Paris: Hachette, 1903.

VIDAL DE LA BLACHE, P. Régions françaises. *Revue de Paris*, p. 821-849, 1910.

VIDAL DE LA BLACHE, P. *Principes de géographie humaine*. Paris: Armand Colin, 1922.

VINCENT, J.-D. *Elisée Reclus: géographe, anarchiste, écologiste*. Paris: R. Laffont, 2010.

Recebido em: 20/6/2014

Aceito em: 25/6/2014